

## **Como fica a colaboração no jornalismo online? Por Heloísa dos Santos.**

O conceito de jornalismo colaborativo tem em si uma contradição: enquanto parece uma meta jamais alcançada, a de produzir notícia em colaboração e trabalho de equipe horizontal, ao mesmo tempo, não se produz notícia sem uma boa relação com terceiros, enfim, com a colaboração de todos. As regras de mercado que distanciam os jornalistas de seus públicos e de seus colegas de outros veículos parecem ser as principais responsáveis por essa impressão.

Os esforços para aproximar o público da redação são muitos, porém... E o meio rádio tem sido uma das mais bem sucedidas iniciativas de jornalismo colaborativo mesmo hoje, aliás, principalmente hoje. A possibilidade de enviar áudios por aplicativos de comunicação de forma rápida e barata foi um grande facilitador para ouvintes e radiojornalistas, que podem receber mais conteúdo simultaneamente e têm mais controle sobre o conteúdo, apesar das ligações ao vivo ainda existirem.

Jornais impressos e a televisão também têm seus espaços para a contribuição do público e, em alguns casos, de jornalistas e outros veículos, muitas vezes filiados ou similares, e, raras, concorrentes. Na internet, com o surgimento da terceira geração de portais de notícias e jornais online, as práticas começam a mudar.

### **Jornalismo colaborativo online**

A partir dos anos 1990, com a difusão de plataformas de comunicação online, surgem, também, os websites de notícias, geralmente, vinculados a jornais pré-existentes. O jornalismo online passa, então, por três fases, que acompanham a evolução tecnológica de dispositivos e distribuição da internet

Nas duas primeiras fases era feita uma reprodução das notícias publicadas em outros formatos, com poucos ou nenhum recurso de interatividade, bem como atraso no 'timing' das publicações. A partir da integração das redações online e offline e do barateamento do acesso à internet móvel, bem como popularização das redes sociais como as conhecemos, o trabalho do jornalista de internet mudou, ficou mais dinâmico e com mais recursos.

Agora a apuração poderia se tornar mais transparente e contar muito mais com a colaboração do público, principalmente de onde a imprensa não chega. Pipocam fotos e vídeos de problemas como enchentes, falta de energia e água, denúncias de lixo não recolhido e descuido com as ruas e terrenos urbanos, flagrantes de celebridades e políticos no dia a dia, indignação de todo tipo com produtos que não atendem às expectativas ou apresentam problemas sérios (molho de tomate com larvas, pelos, queimaduras químicas com creme, massas mofadas, e o que mais se possa imaginar).

Esse tipo de conteúdo, como se pode inferir, gerou algumas crises institucionais para marcas e produtos e, muitas vezes, notícias equivocadas ou disseminação de desinformação (como os emblemáticos ovos de plástico e as diversas curas para o câncer que familiares nos enviam desde os tempos do e-mail, com aquele PowerPoint...).

Foi durante os protestos do Movimento Passe Livre em São Paulo que vídeos, relatos e fotos dos cidadãos passaram a compor um mosaico de informações mais coerente e complexo. A dissonância entre a cobertura televisiva e o material espalhado pelas redes sociais era clara, algo que alimentou a desconfiança das pessoas com as mídias tradicionais e, posteriormente, ajudou a aumentar o público desses protestos e de outros, mesmo anos

depois. Neste contexto, surge o Mídia Ninja, ancorado fortemente na cobertura colaborativa e com uma estética 'sem edições'.

Desde então surgem iniciativas de cobertura colaborativa em todo o mundo, incentivadas pelo modelo comercial online, em constante expansão e que não esbarra, necessariamente, em uma competição como a de outros meios. Não se perde dinheiro se a publicidade foi veiculada no momento em que outro canal tem mais audiência, não há problemas com o preço do jornal, nem competição de horários e tempos.

### **Jornalismo colaborativo entre jornalistas**

A colaboração entre jornalistas é uma das formas mais produtivas de jornalismo colaborativo, especialmente para o jornalismo independente, que pode compartilhar recursos e receitas, enriquecendo a cobertura. Em ocasião das eleições de 2018, o projeto [Comprova](#), uma parceria entre vários veículos e agências de checagem para a apuração de fatos e declarações dadas durante as campanhas e na internet. Esse projeto está ligado ao [First Draft News](#), de colaboração permanente e integrada, que reúne iniciativas de combate à desinformação.

Outro exemplo recente é o do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos, que em um esforço internacional, criou o Implant Files, um projeto sobre dispositivos médicos implantados, reunindo denúncias de danos à saúde, falta de regulação e processos judiciais contra companhias que criam e fabricam implantes. Veículos brasileiros também participaram desse projeto, e os resultados das reportagens em português podem ser [acessados aqui](#).

O Center for Cooperative Media (Montclair State University), dos EUA, tem alimentado uma lista com iniciativas de jornalismo colaborativo pelo mundo. No ano passado a lista passou a incluir também projetos latinoamericanos, em português e espanhol. Os projetos são separados de acordo com as seguintes categorias:

1. Permanente e integrada: compartilha recursos e as redações são integradas. O [Mexico Leaks](#) trabalha dessa forma, reunindo a colaboração de diversos veículos para apurar denúncias e histórias relacionadas à cidadania e transparência;
2. Permanente e separada: colaboração sem data de término, porém, com redações separadas. Um exemplo é o [Earth Fix](#), que reúne seis veículos para cobrir questões ambientais;
3. Permanente e criação compartilhada: compartilha recursos e outros apoios, e a criação é conjunta. É o caso da [Harvest Public Media](#), que cobre a produção agrícola dos EUA;
4. Temporária e integrada: a colaboração se dá em um projeto, mas os recursos, criação e redação são integrados. O exemplo mais famoso é o [Panama Papers](#), que investigou a indústria financeira, e é também uma iniciativa do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos.
5. Temporária e separada: um projeto voltado para uma investigação, com redações e criação separadas. Nos EUA, um grupo de jornalistas e blogueiros criou um mapa interativo, com histórias sobre cada ponto do [Rio St. Louis](#).
6. Temporária e criação compartilhada: em geral são projetos focados em um assunto somente - no qual diversos veículos realizam a criação do conteúdo. Um exemplo é o [Disposable Army](#), uma investigação do Los Angeles Times e da ABC News sobre o

problema com seguros de saúde que afetam os civis que trabalharam nas guerras do Iraque e Afeganistão para o Exército.

Existem [prós e contras na prática de jornalismo colaborativo](#) e integração de redações, que devem ser considerados, porém. Apesar de ser uma boa forma de descobrir histórias maiores, investigar mais profundamente (e com mais recursos) e poder conectar notícias a contextos maiores, questões como prioridade editorial, timing de divulgação em redes sociais, além de tensões entre os veículos e profissionais.

A cooperação entre jornalistas e público é uma das tendências para o jornalismo digital, que tem utilizado seus recursos de formatos e forma de cobertura de maneira cada vez melhor. Junto com a formação de comunidades entre seus leitores e maior transparência de práticas de apuração e financiamento, é provável que aumentem o número de projetos e, claro, qualidade das investigações. Uma história nem sempre está completamente esgotada, e novas perspectivas e contribuições são sempre bem vindas, vide <https://www.bbc.co.uk/lnp/partners> - um exemplo de colaboração entre diferentes veículos locais.